

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

Luís Fábio de Toledo Eichmann

**Tradição, Continuidade e Aprendizagem
Musical Familiar: um estudo sobre os
"Catireiros do Araguaia"**

Brasília - DF
2023

Luís Fábio de Toledo Eichmann

Tradição, Continuidade e Aprendizagem Musical Familiar: um estudo sobre os "Catireiros do Araguaia"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Música da Universidade
de Brasília EaD como parte das exigências para a
obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientador:

Professor Doutor Vinícius Eufrásio

Brasília - DF

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

EE34t Eichmann, Luís Fábio de Toledo
Tradição, Continuidade e Aprendizagem Musical Familiar:
um estudo sobre os "Catireiros do Araguaia" / Luís Fábio de
Toledo Eichmann; orientador Vinícius Eufrásio. --
Brasília, 2023.
41 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Música -
Universidade de Brasília) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Aprendizagem musical. 2. Catira . 3. Música. 4.
Educação familiar. 5. Regionalidade. I. Eufrásio, Vinícius ,
orient. II. Título.

ATA DE DEFESA

Processo: 23106.124455/2023-31 Documento: 10616373

Tradição, Continuidade e Educação Musical Familiar: um estudo sobre os "Catireiros do Araguaia"

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, no dia 27 de novembro de 2023, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música sob a orientação do professor Vinícius Eufrásio, com banca de avaliação composta também pelos professores: Francine Kemmer Cernev e Andréia Veber.



Documento assinado eletronicamente por **Francine Kemmer Cernev, Coordenador(a) do Curso de Licenciatura em Música a Distância do Instituto de Artes**, em 07/12/2023, às 08:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Andréia Veber, Usuário Externo**, em 11/12/2023, às 08:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Vinícius Eufrásio de Oliveira, Usuário Externo**, em 11/12/2023, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10616373** e o código CRC **BB395C1C**.

DEDICATÓRIA

Dedico este à minha esposa e filho que estiveram sempre comigo, até mesmo nas viagens ao polo, e acima de tudo, à Deus, por ter me conduzido até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço por essa oportunidade de formação superior ao CAPES, a Universidade Aberta do Brasil-UAB e a Universidade de Brasília-UNB, bem como agradeço a banca formada pelas Professoras Doutoras Andréia Veber e Francine Cernev e pelo meu orientador, Professor Doutor Vinícius Eufrásio, por toda a atenção e disponibilidade nesta empreitada.

Agradeço a Deus acima de tudo. Agradeço a minha esposa Carolina Carnicel e meu filho Davi Eichmann por todo o suporte que recebi deles durante o curso de licenciatura em música.

Por fim, deixo aqui, meu agradecimento à família Fernandes, junto dos meus sentimentos, por Dona Joana, que faleceu em março de 2020, aos 80 anos.

RESUMO

Este estudo aborda a construção familiar do grupo musical Catireiros do Araguaia que, atualmente, está em sua quarta geração de participantes, tendo todos os integrantes vivenciado processos de iniciação musical no contexto das práticas musicais em família. O texto traz a trajetória iniciada por seu Orlando Fernandes e Dona Joana, em Araguaiana/MT, e a forma pela qual inseriram seus filhos e netos na cultura da catira, consolidando um grupo musical que perdura há mais de seis décadas. Analisando suas vivências musicais por um processo de práticas, principalmente, coletivas e cooperativas e diante observações de comportamento, entrevistas, além de contatos diretos com alguns integrantes, buscou-se construir uma ponte entre práticas informais e os resultados sobre a aprendizagem musical dos integrantes do grupo. O autor conhece e acompanha o grupo desde o final dos anos 90, além de manter relações de trabalho e amizade com alguns integrantes do grupo de maneira que o método sempre esteve atrelado a um contato informal por encontros, por ligações e mensagens de texto. A pesquisa abre portas para discutir, preservar e fomentar interesses culturais e sociais, bem como explorar novas práticas que podem de maneira, análoga ou paralela, contribuir para a aprendizagem musical.

Palavras-chave: Aprendizagem musical, Catira, Música, Educação Familiar, Regionalidade.

ABSTRACT

This study addresses the family construction of the musical group Catireiros do Araguaia, which is currently in its fourth generation of participants, with all members having experienced musical initiation processes in the context of family musical practices. The text presents the trajectory started by Orlando Fernandes and Dona Joana, in Araguaiana/MT, and the way in which they inserted their children and grandchildren into the catira culture, consolidating a musical group that has lasted for more than six decades. Analyzing their musical experiences through a process of practices, mainly collective and cooperative, and through behavioral observations, interviews, in addition to direct contacts with some members, we sought to build a bridge between informal practices and the results on the musical learning of the members of the group. The author has known and followed the group since the late 90s, in addition to maintaining working relationships and friendships with some members of the group, so the method has always been linked to informal contact through meetings, calls and text messages. Research opens doors to discuss, preserve and promote cultural and social interests, as well as explore new practices that can, in an analogous or parallel way, contribute to musical learning.

Keywords: Musical learning, Catira, Music, Family Education, Regionality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação de Araguaiana no mapa	19
Figura 2: Primeiras apresentações	20
Figura 3: Lucas Ricelli & Rafael	22
Figura 4: Letícia & Larissa	23
Figura 5: Professor & Prisioneiro	24
Figura 6: Luciana & Ana Lúcia	24
Figura 7: Duplas de apoio às apresentações	25
Figura 8: Dona Joana e seu caderno de composições	27
Figura 9: Cd's do grupo	29
Figura 10: Ambiente festivo dos Catireiros do Araguaia	36
Figura 11: Catireiros do Araguaia	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fontes audiovisuais consultadas	12
Quadro 2: Perguntas que integraram o questionário aplicado	13

LISTA DE CÓDIGOS

Código 1: Link para Araguaia presente de Deus	28
Código 2: Dádiva da vida - Araguaia, Catira e Viola	29
Código 3: Araguaia, Catira e Viola	29
Código 4: Download do Cd completo - Araguaia, Catira e Viola	30

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Prática musical em família: a história do grupo	16
1.1. A Catira	16
1.2. Da migração, os motivos e condições	18
1.3. A origem do grupo: "Catireiros dos Araguaia"	20
1.4. A musicalização, seus benefícios e as suas relações com o grupo	20
1.5. A Matriarca e suas composições	26
2. Da Musicalização: a informalidade relacionada com o formal	31
2.1. O estudo autodidata no contexto de predisposição do grupo	33
Considerações Finais	37
Referências	39

Introdução

Desde criança sempre tive curiosidade sobre como surgiam as músicas, os cenários musicais e as manifestações culturais. Ouvir música era um momento mágico e, entender, ou mesmo, buscar informações sobre a criação das obras e o pensamento dos artistas, tornavam suas composições e interpretações ainda mais especiais.

A história dos Catireiros do Araguaia, objeto de estudo deste trabalho e que se caracteriza como uma manifestação musical do Médio Araguaia, se inicia na década de 1960 com a chegada da família Fernandes nessa região, mais precisamente, em Araguaiana, na divisa entre os estados do Mato Grosso e Goiás. Em perspectiva pessoal, minha família e eu nos mudamos para Barra do Garças/MT, que fica a 50km de Araguaiana, em 1992. Quando cheguei em Barra do Garças, já havia feito aulas de Órgão e logo voltei a estudar música, pois havia um conservatório próximo a minha casa. Antes mesmo de concluir o curso, em 1999, eu já auxiliava em aulas no próprio conservatório e tocava em bandas, inicialmente, de amigos da escola, mas, desde 1997, já aconteciam alguns trabalhos remunerados. As vivências musicais pela região, me trouxeram uma grande amplitude musical de estilos e foi interagindo com o cenário cultural da região que conheci os Catireiros do Araguaia. Não consigo mensurar a quanto tempo conheço o grupo, mas lembro-me que, em 1997, Otamiro, filho de Seu Orlando (patriarca desta família de músicos), foi meu professor de Filosofia e me lembro dele falando a respeito do grupo.

Em 2002, fundei a banda *Myauc 'lat*, na ativa até hoje e, mesmo seguindo um caminho musical estilisticamente diferente e frequentando espaços de performance mais voltado para o *pop rock*, sempre encontrei apresentações do Catireiros do Araguaia em eventos culturais que eu também participava, em especial aqueles promovidos pela prefeitura de Barra do Garças. Além disso, sempre que possível, trocava experiências com integrantes desse e de outros grupos. Em 2010, me formei Bacharel em Direito e, coincidentemente, também tive aulas de filosofia com Otamiro.

Em 2011, compartilhando músicos de apoio, tive um estreitamento de relações com uma dupla sertaneja, Lucas Ricelli & Rafael, ambos netos do seu Orlando e participantes ativos do grupo de catireiros. Mais tarde, também fiz alguns shows com a dupla Bruno & Mateus, na qual Bruno é o pseudônimo de Mario Junior, também neto do seu Orlando. Atualmente, meu filho Davi Eichmann, de 8 anos, estuda com André, filho de Luciana e neto do Seu Orlando.

Além da proximidade descrita acima que viabilizou muitos aspectos desta pesquisa e possibilitou um contato mais próximo com os sujeitos que promovem as práticas investigadas, vários aspectos motivam trazer esta pesquisa como fonte de trabalho, talvez o maior deles seja o fato de eu viver na região do médio Araguaia e querer me aprofundar na cultura e história local oferecendo contribuições para a produção de conhecimento na área de música, mais especificamente, nas vertentes de etnomusicologia, musicologia e educação musical. Penso que é possível contribuir com uma nova visão nos registros, quanto a história, principalmente, quanto a música que aconteceu e que segue acontecendo de forma viva pois os registros que temos são muito mais focados nos costumes dos nativos do que diretamente na sua música. Assim, causando um impacto novo, e proporcionando, quem sabe, a revitalização desses registros.

Seguindo esse raciocínio de entregarmos uma pesquisa que possua capacidade contributiva na área da música e da educação musical, podemos considerar que adquirir habilidades musicais é, extremamente, benéfico no desenvolvimento infantil uma vez que, resumidamente, auxiliam para a integração da sensibilidade e da razão da criança. Compreenderemos um processo de conhecimento sócio cultural enfatizado pela música, intencionalmente voltado para a sobrevivência do grupo, além da intenção afetiva, em fortalecer os laços familiares acreditando na longevidade dos seus costumes e da sua fé. Dessa forma estaremos explorando a cultura regional do médio Araguaia no intuito de apresentar registros sistemáticos sobre seus costumes, nos concentrando neste fazer musical, na sua história, nos seus processos de aprendizado, no desenvolvimento e criação musical em âmbito familiar considerando, sobretudo, formas de entender a música desse grupo.

As práticas musicais ocorridas no médio Araguaia têm se desenvolvido desde os anos 1960 ocasionadas especialmente por migrações regionais que buscavam os garimpos, as águas e matas virgens dessa região almejando uma vida melhor. Na cidade de Araguaiana/MT, às margens do Rio Araguaia, vive a família Fernandes, fundadora do grupo "Catireiros do Araguaia" que, de acordo com os poucos registros documentais encontrados, são pioneiros da música na região e ainda mantêm uma intensa atividade com o propósito de utilizar a música como forma de fortalecer os laços familiares acreditando na longevidade dos seus costumes e da sua fé.

Analisando os contextos de prática musical que se desenvolvem neste nicho-biocultural do âmbito familiar, esta pesquisa investiga na "receita caseira" dos Catireiros do Araguaia, as formas como os fazeres musicais estimulam seus membros a se envolverem na manifestação cultural da Catira. Advindos da mesma região, outros nomes como, "Eudes e Candinho" e

"Divino Arbués", também fazem parte dessa cultura ribeirinha, já aparecendo em uma fase de modernização da música no Médio Araguaia.

A partir do início foi buscado um tipo de pesquisa qualitativa para qual encontramos fontes de distintas tipologias, as mais comuns, foram a iconografia (como fotografias) e hemerografia (reportagens sobre apresentações). Dentre entrevistas e gravações encontradas na internet, além do conhecimento e da proximidade com alguns integrantes dos Catireiros foi possível, analisar e compreender o comportamento e a maneira que respeitam as vivências musicais. Há um registro videográfico, feito pelo Núcleo de Produção Digital da UFMT, publicado em 1 de Janeiro de 2020, que conta desde a chegada da família, dos Catireiros do Araguaia na região, e como o grupo se formou (UFMT, 2020)¹. Um outro registro que podemos destacar é o documentário do livro, Romance de Rio e Serra, obra de Divino Arbués, também artista importante da região que contribuiu para a evolução musical deste local. Esse documentário encontra-se no canal do próprio artista (OFICIAL, 2022)².

Além das fontes documentais, é possível destacar a aproximação promovida pelas redes sociais, possibilitando um contato frequente com alguns integrantes do grupo durante todo o desenvolvimento desta pesquisa. Por este meio, foram levantados arquivos de imagens, originais de composições e alguns materiais inéditos, ainda não publicados. Por dentro da pesquisa, na busca da proximidade com o tema, foi possível conhecer outros textos que puderam ampliar e elucidar a nossa, em especial, o estudo, Educação Musical na Família: As lógicas do indivíduo, de Celson Henrique Sousa (2009), que traz uma pesquisa sobre a aprendizagem musical de uma família paraense no qual encontramos semelhanças que, oportunamente, serão comentadas no decorrer dessa pesquisa (GOMES, 2009).

No que diz respeito aos percursos metodológicos, procurando subsidiar esta pesquisa além de compreender os costumes do grupo pela importância musical e sociocultural buscou-se arquivos que pudéssemos observar, por entrevistas e apresentações musicais com o propósito de agregarmos uma visão externa ao nosso discurso. Diante da necessidade de organização desses materiais por relevância, apresentamos uma tabela que deve elucidar os resultados deste texto:

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3nbVf2OGD9o> Acesso em: 13/12/2023.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aTA83-TqRmE> Acesso em: 13/12/2023.

Quadro 1: Fontes audiovisuais consultadas

Local/Canal	Evento/Programa	Link	Descrição
Voa Viola, Belo Horizonte/MG	Show Voa Viola	https://youtu.be/S09RejvYeUQ?si=IvXzOvW7kWDWHQi1 Acesso em: 13/12/2023.	Festival nacional de músicas de Viola.
UFMT - Núcleo de produção digital	Documentário	https://youtu.be/3nbVf2OGD9o?si=Fn3Sp_EgC02Mgnar Acesso em: 13/12/2023.	Documentário.
TV Globo	Encontro com Fátima Bernardes	https://globoplay.globo.com/v/2762472/ Acesso em: 13/12/2023.	Entrevista.
		https://globoplay.globo.com/v/2762475/ Acesso em: 13/12/2023.	Apresentação.
EBC (RCM TV)	Programa Brasil Caipira	https://youtu.be/0iQlOuC2akM?si=aii0J5tGrdo95yvb Acesso em: 13/12/2023.	Programa de TV, sobre música caipira, de Curitiba/PR.
Encontro de Culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros	Encontro de Culturas	https://youtu.be/LP3jeJHYf6M?si=3INRmNmO-nggFPYy Acesso em: 13/12/2023.	XII Encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Vila de São Jorge.
		https://youtu.be/LAsEb823KiY?si=hPosmh3xx1ZQzzqv Acesso em: 13/12/2023.	XII Encontro de culturas tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Vila de São Jorge.
Chapada do Veadeiros, Vila de São Jorge.	Confraternização	https://youtu.be/_73VeN70vfs?si=4qzDD5HzhQ3dO9nM Acesso em: 13/12/2023.	Vídeo amador, gravado da Vila de São Jorge, na Chapada dos Veadeiros.
Teatro Vera Cruz, Uberaba/MG	Associação cultural Casa do Folclore - Uberaba/MG	https://youtu.be/SP05coCcMyM?si=na7qSSFeV4Ard-VR Acesso em: 13/12/2023.	Apresentação do grupo em Uberaba/MG.
		https://youtu.be/TVe9KQVWesc?si=mkQ	Gravado em Barra do Garças/MT para

		WrgX1Xt4eJkdB Acesso em: 13/12/2023.	arquivos da Associação cultural Casa do Folclore.
		https://youtu.be/rP0rtVpOps?si=Djfr3VU1VC5It736 Acesso em: 13/12/2023.	Entrevista em Barra do Garças/MT para arquivos da Associação cultural Casa do Folclore.
Canal JP do Araguaia	Evento cultural em Ribeirãozinho/MT	https://youtu.be/0WBme4WKFj8?si=k4Hi3Jcr_j5Fclpb Acesso em: 13/12/2023.	Apresentação completa, gravada em 2019.
Canal Genito Santos	Produção audiovisual, viabilizada por recursos públicos.	https://youtu.be/AWNBN01XA_E?si=Tk7MJ5VJKBeuyccQ Acesso em: 13/12/2023.	Produção audiovisual, sobre o grupo.

Dentre essas apresentações, documentários e entrevistas elencadas anteriormente, um outro pilar desta pesquisa foi uma entrevista por questionário, enviado no grupo da família hospedado dentro do aplicativo *Whatsapp*. Para tal, foi utilizada a ferramenta *Google Forms*, através do qual perguntou-se:

Quadro 2: Perguntas que integraram o questionário aplicado

Qual foi o primeiro contato com a música? e como foi?
Você aprendeu a tocar um instrumento? qual? era o que você queria?
Aprendeu música dentro da manifestação cultural da família?
Referente a pergunta anterior, se sim, vamos falar sobre o processo. Como se dava o primeiro contato, já era com o instrumento?
Aprendiam primeiro princípios musicais (algo teórico) ou já aprendiam de forma direta uma canção?
Havia uma canção em comum que todos aprendiam primeiro?
Qual era essa canção? Se não, qual foi?
Quanto a musicalização era: 1 - Quem quis participou 2- Um desejo de todos
Quem foi o seu mestre na musicalização?
Havia um processo em comum que todos passavam por ele enquanto aprendiam a tocar?
Você se considera músico profissional?

Caso não se considere profissional, se considera capaz de tocar profissionalmente?
Qual sua relação com o grupo Catireiros do Araguaia?
Já se apresentou com o grupo Catireiros do Araguaia?
Já trabalhou profissionalmente com música?
O que representa o grupo Catireiros do Araguaia para a sua vida musical?
Para encerrar, diga-me: O que a música representa na sua vida? Como a música contribuiu com a sua forma de pensar e em suas habilidades diversas (independente do que você faz, profissionalmente, ou em momentos de lazer), ou seja, o que a música atribuiu a sua vida?
Caso queira deixar mais alguma informação que julga importante, use este espaço para complementar!

Nesta entrevista participaram, voluntariamente, 7 integrantes, que autorizaram o uso de seus nomes nesta pesquisa. Considerando que alguns integrantes não participam do grupo, ou mesmo, que não tem tanta facilidade com tecnologias, foi um número interessante representado por diferentes faixas etárias, que se estendem entre 18 e 55 anos de idade. Para mais houveram contatos diretos por encontros pessoais e aplicativos de mensagem com dois integrantes que me nortearam nesta pesquisa, Otamiro Araújo Fernandes, 55 anos, filho de Seu Orlando e Orlando Fernandes Junior Neto, 29 anos, neto de seu Orlando. Contemplado por tais pilares, descrevo uma visão ampliada pela minha perspectiva diante do conhecimento internalizado por anos de práticas e vivências musicais na região do médio Araguaia, contemporaneamente, acompanhando os Catireiros do Araguaia. Na busca por registros fotográficos, quando encontrarmos no texto a orientação da fonte como acervo de família, foram imagens enviadas e/ou indicadas pelos próprios integrantes do grupo, assim devidamente, cedidas ao uso desta pesquisa.

De acordo com Cassab e Ruscheinsky (2004), a História Oral como método de pesquisa é o processo mais adequado pela proposta em buscar por um registro de memórias vivas, de perspectivas peculiares e dos sentimentos das mais diversas origens socioculturais. Buscamos nos aprofundar sobre os costumes dos Catireiros do Araguaia, conhecendo sua música, os caminhos que garantiram a longevidade e continuidade do grupo (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004).

Gomes (2009) cita em seu texto afirmações de Paul Thompson (2004) defendendo que a História Oral é um método que ultrapassa fronteiras disciplinares pela razão de compreender e interpretar a relação do indivíduo com o seu ambiente, ou mesmo, além dele, bem como analisar relações familiares explorando memórias e experiências dos mais idosos. Ao tratar do

conceito de memória, Gomes (2009), fundamenta-se por dois outros autores, primeiramente citando Rousso (2001, p. 94), que afirma que toda memória é coletiva pois todo indivíduo está inserido em algum contexto familiar, social ou nacional, e em seguida, cita Halbwachs, (2004, p. 55) que entende cada memória individual como um ponto de vista sobre uma memória coletiva (GOMES, 2009, p. 47-49). Por tais fundamentos foi definido o método desta pesquisa, pelo da História Oral, dessa maneira buscamos entender práticas culturais e sociais, desde a coleta de dados até sua análise por uma abordagem qualitativa (GOMES, 2009).

1. Prática musical em família: a história do grupo

O grupo Catireiros do Araguaia teve início com a União de Orlando Fernandes e Joana de Araújo, em 1959. Seu Orlando conta no documentário que conheceu sua esposa em uma de suas apresentações musicais na qual, carinhosamente, afirma se recordar até os dias de hoje que "foi amor à primeira vista". Dona Joana, como era chamada, atuava como compositora e cantora, além de ser amante da música caipira raiz. A matriarca costumava mencionar que a primeira decisão do casal foi que a carreira musical não estaria à frente da família que pretendiam começar mas que, de forma contrastante, a música não apenas se manteve presente, como foi responsável por criar, educar, e unir, cada vez mais, essa família.

A música praticada pelo grupo era exclusivamente aquela que podemos categorizar como caipira raiz, as famosas "*Modas de Viola*" e que, no âmbito dos fazeres performáticos desta família, eram predominantemente incorporadas às características do Cateretê, estilo esse que logo depois ficaria conhecido como Catira.

1.1. A Catira

A Catira ou Cateretê é uma dança de sapateado, em que o ritmo musical é marcado pela batida dos pés e das mãos, normalmente conduzido por uma Viola caipira. Segundo Laura Aidar (2011), em postagem encontrada no site Toda Matéria, "a origem da Catira é múltipla", ou seja, ela reúne traços europeus, indígenas e africanos. A verdade é que desde o período colonial já temos essa dança como manifestação cultural" (AIDAR, 2011, s. p.).

Aidar (2011), ainda comenta que a Catira como manifestação cultural está associada, por estudiosos, a atividades dos tropeiros, isso explica a Catira, inicialmente, como uma atividade, caracteristicamente, masculina. "Estudiosos apontam que como eles faziam o transporte de gado entre os locais, provavelmente, a dança tenha surgido nos momentos de descanso e descontração do grupo" (AIDAR, 2011, s. p.).

Relacionando aos tropeiros e atividades do campo em geral, ainda podemos mencionar o uso da palavra Catira como uma espécie de negócio, trocas, barganhas, usadas no campo, e que talvez essa cultura tenha originado as, hoje, grandes cooperativas agropecuárias pelo Brasil.

Catira, então, o leitor já percebeu, não é um negócio qualquer, mas, uma troca essencial. A ritualidade, o respeito aos costumes e às culturas conformam os

atos, o cenário, a coreografia e o palco onde o cálculo humano é executado (RIBEIRO; GALIZONI, 2007, p. 69).

A Catira é considerada uma dança, genuinamente, brasileira, que além da Viola e do ritmo percussivo regido pelo sincronismo da dança, traz composições típicas inspiradas na sua cultura, como podemos verificar na canção "Vide-vida Marvada", de Rolando Boldrin:

Corre um boato aqui donde eu moro
 Que as mágoas que eu choro
 São mal ponteadas
 Que no capim mascado do meu boi
 A baba sempre foi
 Santa e purificada
 Diz que eu rumino desde menininho
 Fraco e mirradinho
 A razão da estrada
 Vou mastigando o mundo e ruminando
 E assim vou tocando
 Essa vida marvada

É que a viola fala alto no meu peito, mano
 E toda moda é um remédio pros meus desengano
 É que a viola fala alto no meu peito humano
 E toda mágoa é um mistério fora desse plano
 Pra todo aquele que só fala que eu não sei viver
 Chega lá em casa pro uma visitinha
 Que num verso ou num reverso da vida inteirinha
 Há de encontrar-me num cateretê
 Há de encontrar-me num cateretê

Tem um ditado dito como certo
 Que cavalo esperto num espanta boiada
 E quem refuga o mundo resmungando
 Passará berrando essa vida marvada
 Cumpade meu que envelheceu cantando
 Diz que ruminando dá pra ser feliz
 Por isso eu vagueio ponteando
 E assim procurando
 A minha flor-de-lis

É que a viola fala alto no meu peito, mano
 E toda moda é um remédio pros meus desengano
 É que a viola fala alto no meu peito humano
 E toda mágoa é um mistério fora desse plano
 Pra todo aquele que só fala que eu não sei viver
 Chega lá em casa pro uma visitinha
 Que num verso ou num reverso da vida inteirinha
 Há de encontrar-me num cateretê
 Há de encontrar-me num cateretê
 Há de encontrar-me num cateretê
 Há de encontrar-me num cateretê (BOLDRIN, 1992)

A Catira é uma dança enraizada aos costumes populares, que passa de geração para geração observando as tradições e seus costumes, neste caso, por meio das próprias vivências de família. Com grande expressão cultural, a Catira tem uma identidade muito forte na região central do país, principalmente, no interior, na região do Pantanal, bem como se incorpora em algumas manifestações culturais pelo país como, por exemplo, na Folia de Reis.

Diante disso, a Catira se apresentou fundamental para a família de Seu Orlando e Dona Joana, no entanto, o primeiro passo dessa construção familiar e musical se deu com a migração da família para o Mato Grosso, na cidade de Araguaiana. Desse novo lar surgiram as oportunidades e as inspirações para a formação do grupo catireiro.

1.2. Da migração, os motivos e condições

Retornando, seu Orlando conta, no documentário, que quando migrou com a família para o Mato Grosso, a intenção era formar uma fazenda, assim, seu Orlando, dona Joana e seus 6 filhos chegaram em Araguaiana/MT em 1975. Vera Lúcia Fernandes Correia, filha de seu Orlando e dona Joana, lembra que:

Então nós chegamos aqui dia 7 de setembro, era época da festa de Nossa Senhora da Piedade, a Padroeira de Araguaiana, né! ...e eu lembro que estava tendo..., têm a Quermesse todo ano né? (UFMT, 2020, s. p.)

A preocupação de seu Orlando, desde o início, era se havia segurança, saúde e educação na cidade, pois para ele, do restante, seria suficiente. No documentário da UFMT, Seu Orlando, conta como foi a primeira conversa com o antigo dono das terras:

Seu Orlando: Eu vou fazer 3 perguntas pro senhor, eu falei: Lá dá Malária? Eu falei, eu tenho 6 filhos!

Antigo dono: Não, não dá Malária não!

Seu Orlando: Lá tem Polícia? Delegado?

Antigo dono: Tem!

Seu Orlando: Porque eu dou muito valor na Polícia (Dou muito valor). ...e eu falei: e tem Escola?

Antigo dono: tem dois Colégios, um dos Padres e um das Freiras.

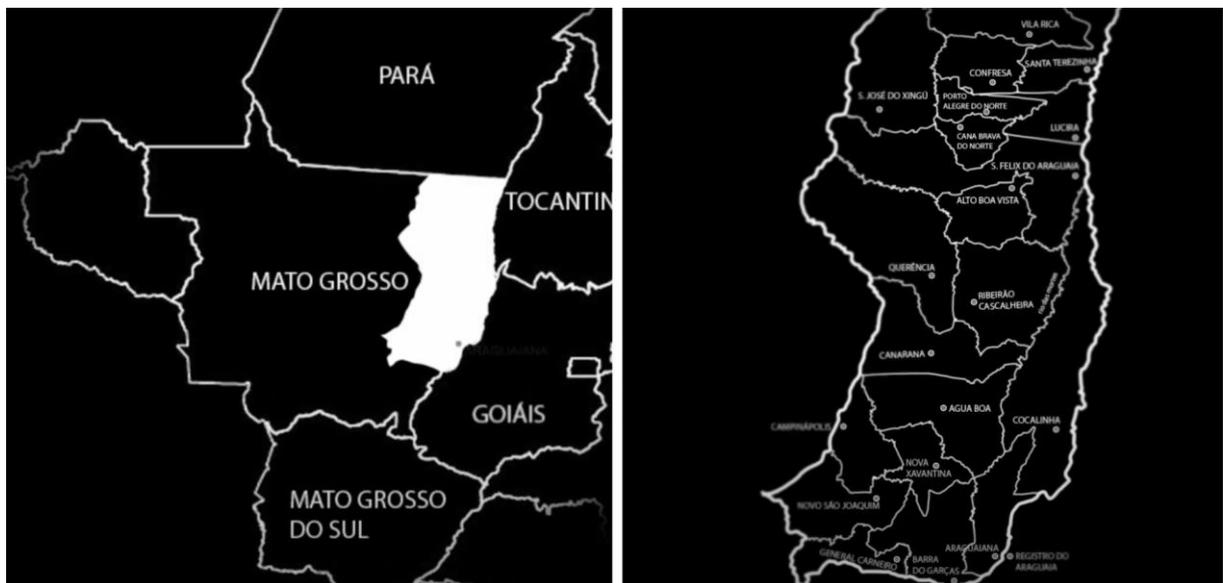
Seu Orlando: Eu falei, então "vãoobora", vamos fechar o contrato, e vim embora, sem conhecer né? E foi o maior passo, o melhor passo da vida que eu fiz! (UFMT, 2020, s. p.)

Um dos motivos da escolha por Araguaiana/MT, também foi porque o município era conhecido como o maior do estado, além disso, na década de 1940, já havia muita procura por este local, principalmente, por garimpeiros que buscavam explorar as águas do Rio Araguaia e do Rio Garças. Esse desenvolvimento acarretou na construção de uma importante ponte, onde se encontravam os rios Garças e Araguaia, que deslocaria a concentração de Araguaiana para Barra do Garças. Uma curiosidade interessante foi a inversão dos poderes de governo, segundo o site da prefeitura de Barra do Garças/MT:

A criação do município de Barra do Garças veio a ser uma encampação do município de Araguaiana, ou seja, uma mudança de sede de Araguaiana para Barra do Garças, passando Araguaiana à distrito de Barra do Garças. (BARRA DO GARÇAS, 2023, s. p.)

Em 2020, os dados do IBGE apontaram que a cidade de Barra do Garças tinha, 61.135 habitantes, sobre um território de 9.091 km², enquanto Araguaiana, no mesmo período contava com 3.109 habitantes, em uma área de 6.415 km². A distância entre as cidades de Araguaiana e Barra do Garças é de 50 Km, contados do perímetro urbano, às margens do Rio Araguaia, na divisa com o estado de Goiás.

Figura 1: Representação de Araguaiana no mapa



Fonte: CATIREIROS DO ARAGUAIA (Documentário)

Dona Joana conta que com o passar do tempo e o conhecimento da população que ela e Seu Orlando cantavam, sempre eram convidados para animar festas de todo tipo, por consequência, os filhos acabavam indo juntos e se familiarizando com o ambiente

Figura 2: Primeiras apresentações



Acervo da família

1.3. A origem do grupo: "Catireiros dos Araguaia"

O nome "Catireiros do Araguaia" teria surgido por intermédio de um apoiador muito importante para todo o desenvolvimento da região, já falecido, o senhor Valdon Varjão, que foi prefeito de Barra do Garças/MT e era uma figura muito conhecida e homenageada pela sua dedicação em toda a região do médio Araguaia, principalmente, em Barra do Garças. Em depoimento ao documentário da UFMT, Seu Orlando relata que, o senhor Varjão disse em um de seus encontros com o Seu Orlando: "Vocês são os Catireiros do Araguaia!", nomeando o grupo que assumiu essa identidade a partir de então (UFMT, 2020).

Atualmente, o grupo conta com 63 participantes, todos sendo filhos, netos e bisnetos de Seu Orlando, que dentro do âmbito familiar, vivenciaram e adquiriram habilidades musicais através, especialmente, dos eventos realizados pela própria família e que, em primazia, são dedicados à união e à comunhão do grupo.

1.4. A musicalização, seus benefícios e as suas relações com o grupo

Para a Catira, o simples fato de dançar, requer a percepção de pulso e ritmo, afinal, o estilo tem por característica ser uma sincronia percussiva na dança que ocorre pela batida dos pés e das mãos. Neste sentido, o desenvolvimento da percepção musical dos componentes de um grupo de Catira é inevitável, mesmo quando entendemos como intuitivo, informal ou

natural. Para os membros do grupo, em uma perspectiva êmica, adquirir percepção de pulso e ritmo deve ser a primeira meta a ser alcançada, talvez a mais importante habilidade musical que levarão para a vida e para suas práticas. A aprendizagem musical ocorre no ambiente familiar dos Catireiros de forma espontânea, apenas por comunicação oral, o que traz dinamismo para esse processo a todo e qualquer momento, valorizando as vivências, principalmente, por cada encontro se mostrar único.

A música também potencializa a expressividade emocional do ser, facilitando a comunicação e a relação interpessoal, promovendo ainda acolhimento e o estabelecimento de relações e vínculos, aumentando a autoestima e proporcionando conforto e bem-estar (ZANETTINI et al., 2015, p. 1061).

Podemos assim, entender o quanto se tornam importantes essas vivências musicais dentro do grupo para o desenvolvimento das novas gerações dos Catireiros do Araguaia, sendo necessário enxergarmos os benefícios sociais e culturais, pois ademais essa interação é muito importante para o grupo como uma forma de inclusão, no contexto familiar e musical, privilegiando a saúde mental, estimulando para a perda do medo e da timidez, além criar novas ferramentas para a comunicação e habilidades dos menos experientes (ZANETTINI, 2015, p. 1061).

Por uma nova perspectiva, enquanto uns aprendem, os seus mestres envelhecem e desenvolvem limitações. Há quem diga que a voz envelhece, no entanto, há de entendermos que na verdade é o motor (musculatura) vocal que perde sua força, ou por falta de fortalecimento, ou mesmo por desgaste no abuso excessivo e falta de cuidados durante a vida. Como os Catireiros do Araguaia congregam distintas faixas etárias, de acordo com Degani e Mercadante (2011), no caso dos idosos as atividades musicais são determinantes para a manutenção do bem-estar, tanto do corpo, quanto do psicológico. Para o corpo, o ato de cantar, não apenas fortalece a musculatura da Laringe como fonte sonora, quanto fortalece o tórax, enquanto estimula a respiração que tem ação positiva aos pulmões e ao coração, além de que, adquirindo uma boa técnica vocal, pode se tornar um exercício abdominal interessante. No psicológico, os pontos positivos não são diferentes quando comparados às crianças, mas são mais densos e mais ativos devido a carga emocional que os idosos carregam, absorvida por toda a sua vida, como memórias de momentos e acontecimentos que guardam de suas vivências musicais (DEGANI; MERCADANTE, 2011).

Temos buscado elencar estímulos e benefícios da música para apontá-los no ambiente familiar dos Catireiros do Araguaia, onde podemos entender um simples almoço de domingo,

se tornar um encontro musical e se transformar em uma terapia para o corpo e para a alma. Com o passar dos anos, a vontade dos menores em participar do grupo, renova e estimula os veteranos na preservação das tradições da família, por um processo de inclusão familiar e por mais que pareça ser tratado individualmente segue um caminho comum entre os descendentes, assim, nesse âmbito de inclusão dos descendentes se desenvolvem os diversos processos de aprendizagem musical que observamos, por meio de entrevista, com alguns netos.

Em busca de entender como se desenvolveram todos os costumes que contemplam o processo de aprendizagem musical dos Catireiros, foi perguntado, em entrevista, como ocorreram os primeiros contatos com as práticas musicais. Neste sentido, Lucas Ricelli Perne Fernandes, 32 anos, neto de Dona Joana e seu Orlando, respondeu: "com minha família cantando e dançando Catira." De forma muito semelhante à resposta de Lucas, Orlando Fernandes Júnior Neto, de 29 anos, neto da mesma geração que Lucas, respondeu: "vendo meus pais, tios e avós, cantando e tocando Viola e Violão." Os dois entrevistados formam a dupla sertaneja Lucas Ricelli & Rafael (Orlando Neto) que se apresenta profissionalmente na região do Araguaia.

Figura 3: Lucas Ricelli & Rafael



Acervo da família

De forma semelhante, no âmbito da família, as netas Larissa de Almeida Fernandes Cangussu e sua irmã, Letícia de Almeida Fernandes Cangussu, também formam uma dupla que pode ser identificada comercialmente como Letícia & Larissa.

Figura 4: Letícia & Larissa



Acervo da família

Em uma entrevista informal realizada durante a coleta de dados de nossa pesquisa, a musicista Larissa comentou:

Eu e minha irmã fomos a primeira dupla feminina, de netas, a cantar e tocar violão e viola na família, aprendemos a tocar sozinhas de forma bem aleatória, simplesmente, era algo que já estava no sangue, e em relação a canto, sempre cantávamos no mesmo canudo, ou seja, na mesma voz (risos), e em 2008, estávamos indo pra beira do Rio, meus pais dentro da cabine da Camionete e nós na carroceria com meu tio... e no percurso entre a casa e o rio meu tio me ensinou a fazer segunda voz, aí ele bateu no capô do carro e meu pai parou, aí ele falou assim: - "escuta isso aqui Olavo", e então cantamos, pela primeira vez, com primeira e segunda voz. E foi assim que me tornei a primeira neta segundeira da família. Como eu disse, era algo que já estava no sangue, só precisava ser lapidado! E sobre, a Catira, nem preciso comentar, já nasci batendo o pé (Larissa, entrevistada em 23/05/2023).

Quando voltamos a atenção aos comentários dos filhos de Dona Joana e seu Orlando, Otamiro Araújo Fernandes, filho do casal, 55 anos, relata que seu contato com a música se deu "aos 6 anos, observando os pais cantarem!"

Figura 5: Professor & Prisioneiro



Acervo da família

Figura 6: Luciana & Ana Lúcia



Acervo da família

Já Ana Lúcia Araújo Fernandes, filha do casal, de 39 anos, diz:

Me lembro que desde pequena... Via a minha mãe compondo as músicas dos catireiros e meu pai todos os dias nos acordava tocando viola com seus solos que ele mesmo compôs. E quando pequena ainda meus pais me escreviam em concursos e aberturas de eventos pra cantar (Ana Lúcia Araújo Fernandes, entrevistada em 23/05/2023).

De acordo com os relatos coletados, advindos de filhos e netos da família, fica perceptível que a música está para a família, como a família está para a música. Sem dúvidas, o fato da música estar presente em todos os momentos das vidas dessas pessoas é suficiente para gerar estímulos e interesses pela cultura, mas é possível identificarmos alguns gatilhos que expliquem os resultados. Fica notório pelos relatos que temos dos filhos que eles se envolveram com os costumes do grupo por um movimento orgânico vendo os pais se apresentarem e falando

de música, em especial, da Catira, agregando importância ao processo de construção do conhecimento musical da família.

Ressaltando o movimento orgânico, nunca houve intenção de um ambiente de formação musical, a música que foi ocupando seu espaço dentro da família até se tornar uma identidade familiar. No começo, era preciso que os filhos acompanhassem Seu Orlando e Dona Joana nas apresentações para que não ficassem sozinhos em casa, posteriormente, os netos, já nasceram com a família estabelecida na prática da Catira, com orgulho das conquistas do grupo e do respeito adquirido por seus pais e avós perante a sociedade local. O que é preciso considerar a respeito da continuidade do grupo pelos netos é a ausência da necessidade, ou seja, são novos tempos em que os netos não necessitavam mais acompanhar seus pais, como acontecia na geração anterior.

Dentro do grupo formaram-se diversas duplas que contemplam e se agregam as apresentações dos Catireiros, como: Matheus & Gabriel, Miro & Emanuel, Orlando Junior & Olavo, Vera Lúcia & Vanda Lúcia e Maria Clara & Fernanda. Essas duplas se alternam com as danças da Catira pelo propósito das apresentações não ficarem cansativas, nem para o público e nem para os Catireiros. Intencionalmente, junto da Catira, o repertório agrega músicas sertanejas que são chamadas hoje de sertanejo raiz para dar seguimento nas apresentações sem perder a conectividade da relação cultural.

Figura 7: Duplas de apoio às apresentações



Montagem do acervo da família

Quanto à participação dos filhos e netos e as diversas formações de duplas, entre os integrantes do grupo todos estão envolvidos, sendo pela música ou pela dança, entendendo a importância de estarem unidos, preservando a arte e os costumes da família. Como já apresentado antes, alguns netos, hoje em dia, são profissionais da música, e dos que não são, alguns se consideram capazes, outros não, mas todos veem a arte da Catira, como uma cultura familiar que tem o poder de manter a família unida.

Buscando compreender mais sobre os processos de aquisição de habilidades musicais, foi possível descobrir que nunca houve um método ou didática sistemática estabelecida e ao perguntar aos membros do grupo como se deram suas trajetórias de iniciação musical foi possível perceber que o início se dava pelo caminho com o que mais se identificassem. Alguns se aproximavam para cantar junto do grupo, outros demonstraram interesse em aprender determinado instrumento musical (como violão e viola, tradicionalmente utilizado pelo grupo), ou até mesmo, por meio da dança. Também foi possível perceber como principal motivação a vontade de aprender uma canção que fizesse parte do repertório dos Catireiros do Araguaia e assim poder participar mais ativamente dos encontros do grupo. Participar do grupo, não obriga que todos estejam no palco, em uma apresentação ao público participa quem está bem, quem está mais fluente do repertório, e mesmo que todos estejam à disposição, o número de integrantes a participar também depende da estrutura fornecida pelo evento. Nesse aspecto da participação não há disputa por vaga, das únicas duas vagas exclusivas, uma foi de Dona Joana e a outra continua sendo de Seu Orlando. Normalmente é possível observarmos alguns filhos e netos mais atuantes, ou seja, aqueles que sempre estão presentes mesmo que não subam ao palco, além de ser comum vermos integrantes do grupo assistindo e acompanhando as apresentações para dar suporte aos que estão se apresentando.

1.5. A Matriarca e suas composições

O gosto pela música caipira rege o repertório dos Catireiros, no entanto, são predominantes no repertório as composições de Dona Joana. Apenas a canção *Violeiro Feliz*, é de Seu Orlando. Em depoimento ao documentário, segundo Mario Angelo Fernandes, filho de dona Joana, "...minha mãe deve ter entre umas 150 músicas prontas, inéditas, e de ritmos diferentes" (UFMT, 2020).

Figura 8: Dona Joana e seu caderno de composições



Acervo da família

A imagem acima nos possibilita visualizar como Dona Joana registrava suas composições, utilizando um simples caderno, documento importante para que possamos compreender a história do grupo. As composições, em geral, mantêm temas regionais, que têm por características lembrar as belezas e as riquezas da vida no campo, principalmente, temas voltados ao Araguaia e ao cerrado, além de muitas canções falar de amor, como, que Dona Joana compôs, para Seu Orlando. Um dos temas mais conhecidos de Dona Joana é, "Araguaia Presente de Deus":

*Eu peguei nessa Viola com prazer para cantar
uma moda de Catira pros meus amigo escutar
reuni filhos e netos pra bater os pés no chão
o povo vai ajuntando, a festa vai animando,
alegrando o Coração!*

*Meu parceiro de cantar é minha esposa querida
é a mão dos Catireiros e a razão da minha vida
vivemos sempre cantando, lá em casa virou mania
quem não gostar de Viola é carta que fica fora
não pode entrar na família!*

*Eu agradeço ao bom Deus, toda hora e momento
por ter feito tanta coisa para o nosso sustento
só um verdadeiro pai faz de sua os filhos seus*

*vivo sorrindo feliz com tudo que Deus me deu!
Eu sou um pobre rico, dinheiro não vale nada
tenho a mulher que quis e tenho uma filharada
meu prazer é a família e também a natureza
estando em paz com Deus é a minha maior riqueza!*

*Eu moro em Araguaiana na divisa de Goiás
perto de Barra do Garças cidade boa demais
Gosto de ver a serra e os montes que tem ali nesse lugar
terra de grandes amigos com quem se pode contar.*

*Minha casa é a beira do rio, mais bonita e abundante
com peixes de toda espécie e também muitos diamantes
quantas família no mundo que este rio sustenta e cria
com suas grandes riquezas e com suas maravilhas!*

*Suas matas verdejantes e lindos bacurizais
ao lado de Mato Grosso e também ao de Goiás
tem os seus ricos vazantes, no verão as lindas praias
e as bonitas Garças brancas nas margens do Araguaia!*

Código 1: Link para Araguaia presente de Deus



3

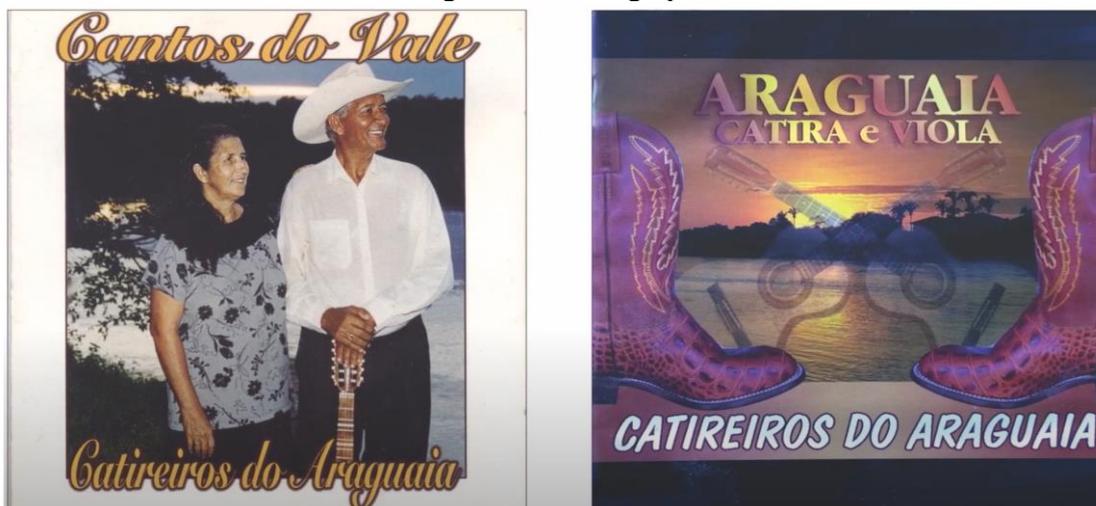
Criado pelo autor

Em suas composições encontramos influências que proporcionam uma mistura de ritmos como o Chamamé, a Polca, o Cateretê e o Vaneirão, mas com uma pitada característica do swing da Viola de Seu Orlando e a cultura dessa família transcrita pela sensibilidade de sua matriarca, a Dona Joana.

De maneira informal, por meio de uma tradição oral, pelo convívio e as vivências que tiveram, os filhos e netos, aprendem e admiram a música raiz, como costumam chamar, desde muito novos. Quando Catireiros falam em música raiz é uma forma de justificarem as influências que agregam de outras vertentes das modas de viola, contudo, quando executam outros temas predominam as características da Catira.

³ Disponível em: <https://youtu.be/S09RejvYeUO?si=LdqVhLU7BpgJBIF>. Acesso em: 13/12/2023.

Figura 9: Cd's do grupo



Acervo da família

A seguir, os links contêm gravações do grupo:

Código 2: Dádiva da vida - Araguaia, Catira e Viola⁴



Código 3: Araguaia, Catira e Viola⁵



⁴ Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1QEILgvPSjqgQnMzHTNJ1pVEbXZ36ZMfm/view?usp=sharing> Acesso em: 13/12/2023.

⁵ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/12tEkQJdc_gYCNHLFv7k9Y8Ni_oxPk9r1/view?usp=sharing Acesso em: 13/12/2023.

Código 4: Download do Cd completo - Araguaia, Catira e Viola⁶



⁶ Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1XsIFqEVSqfaLI6QQW6XTRMhLa4fqPxbh?usp=sharing> Acesso em: 13/12/2023.

2. Da Musicalização: a informalidade relacionada com o formal

A musicalização deve ser vista como um instrumento pedagógico para a construção de um saber musical e se torna uma atividade que, notoriamente, estimula os sentidos musicais, a memória, a concentração, a disciplina, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e psicomotor do indivíduo (CHIARELLI, 2005). Para Gainza (1988), as atividades musicais na escola podem ter objetivos profiláticos, nos seguintes aspectos:

- Físico: oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga;
- Psíquico: promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro;
- Mental: proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão (GAINZA, 1988).

Gainza (1988 p. 22) ainda contribui que: “A música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no a ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau” (GAINZA, 1988, p. 22). Contemporaneamente, fundamenta-se na BNCC, como construção de práticas artísticas, para o campo de experiências: "Traços, sons, cores e formas."

É importante comentar que o fato da família Fernandes usar o termo "musicalizados" para apresentar que todos os seus integrantes tiveram, ou tem, algum contato com aprendizagens e adquiriram habilidades musicais nos remete a usar e comentar sobre musicalização. Entendemos que não há uma linha que separe o que é musicalização com o que é educação musical, os recursos pedagógicos utilizados na musicalização contribuem para um despertar musical, para a aquisição de habilidades motoras, tal como, para estimular a busca por mais conhecimentos musicais, portanto, não há uma forma de mensurar como poderíamos considerar um indivíduo, ser ou estar, musicalizado. Quando nos deparamos com os próprios Catireiros dizendo que todos os integrantes do grupo são musicalizados podemos entender que todos adquiriram habilidades musicais dentro das vivências musicais do grupo e que, não necessariamente, houve um processo ou tentativa de musicalização. Acredita-se na eficácia de métodos percussivos e vocais para uma iniciação musical, pois assim é possível tratarmos de música antes de tratarmos de instrumentos, como segurá-los e como tocá-los, por exemplo.

Qualquer material⁷ pode ser adaptado para uso em atividades percussivas, além do nosso próprio corpo e voz⁸, a partir do uso da voz podemos explorar melodias, inserindo canto, aprimorando as atividades. Ainda dentro desse contexto de musicalização podemos visionar os benefícios da coletividade, Leticia Sandra Araújo Carvalho, cita em seu texto alguns pedagogos que defendem o ensino coletivo por um processo mais orgânico, intuitivo, cooperativo, estimulante e desafiante (CARVALHO, 2020, p. 74 - 78).

Diante dos costumes dos Catireiros, percebemos um processo de inserir vivências musicais no ambiente familiar, assim como, o cuidado de inserir os descendentes nesse ambiente e nas atividades do grupo. Por esse ambiente, enquanto a música acontece, as crianças são estimuladas a participar acompanhando os mais experientes e dessas atividades acontece o desenvolvimento de habilidades aflorando percepções musicais. Neste sentido podemos destacar também momentos dedicados à transmissão da cultura e das tradições, esses eventos ocorrem em oportunamente em momentos familiares.

Em resumo, a cultura e a musicalidade dos Catireiro do Araguaia podem alimentar e estimular ações pedagógicas, promovendo a preservação da tradição e os costumes, sem perder a transformação contemporânea. De acordo com relatos dos membros do grupo é percebido o desenvolvimento de uma identidade musical, crítica e respeitosa, aberta às diversidades, em que admiram, incentivam e caminham juntos com outras culturas, sem preconceitos. Os Catireiros do Araguaia, estão inseridos no *casting*⁹ de artistas regionais e, nos dias de hoje, participam de eventos em diversos contextos, podendo agregar, culturalmente, mais riqueza cultural a estes eventos.

Em seu texto, Celson Gomes (2009), fala de uma expectativa familiar com relação a aprendizagem musical familiar, e cita a visão Gayet (2004), quanto ao projeto parental:

Mesmo antes do nascimento da criança, os pais elaboram um “projeto educativo”. Esse projeto é mais ou menos consciente e mais ou menos realista. Ele oscilará segundo as variantes de pais, entre algum princípio elementar, e um verdadeiro programa de formação. Ele se adaptará à personalidade da criança e à sua evolução ou, ainda, será de uma rigidez inflexível. Entre essas posições extremas, todas as nuances são permitidas. (GAYET, 2004, p. 72 *apud* GOMES, 2011, p. 33)

⁷ Disponível em: https://youtu.be/tZ7aYQtldg?si=_T_z4A7LLTFOckKC Acesso em: 13/12/2023.

⁸ Disponível em: https://youtu.be/sk_qnJCvwNU?si=XfA-k2-ajMIBVYCa Acesso em: 13/12/2023.

⁹ Processo de seleção, mesmo, grupo de selecionados para algum trabalho ou apresentação artística.

É possível observar essa expectativa no ambiente familiar dos Catireiros do Araguaia, no entanto, o aprendizado musical no grupo não é marcado por ocorrências pré-determinadas, ele acontece por naturais manifestações dos menos experientes, quando sentem a vontade, ou mesmo, a necessidade de descobrir, entender e assimilar novos saberes e habilidades musicais. Os encontros festivos da família se tornam oficinas musicais, em que confraternizando, descobrem novas afinidades internas entre os participantes e novos repertórios que poderão ser incluídos nas apresentações ao público externo. Segundo Orlando Fernandes Junior Neto, o grupo raramente se reúne para ensaiar e/ou preparar uma apresentação, que acontecem de forma espontâneas, inclusive, com o repertório combinado minutos antes.

2.1. O estudo autodidata no contexto de predisposição do grupo

Neste momento poderíamos avançar a dentro da etimologia do estudo pelo termo "autodidata", este pode se enquadrar, paralelamente, ou dentro de qualquer um dos 3 tipos de ensino citados até aqui, pois é possível o aprendiz se apoiar nos recursos adotados para cada modalidade de aprendizado, buscando se desenvolver rapidamente, como por exemplo aderir a um ensino formal, e paralelamente continuar buscando conhecimento por vontade própria e espontânea.

O Baterista Nenê, Realcino de Lima Filho, natural de Porto Alegre-RS, autor do livro/método, "A Bateria Brasileira no Século XXI: Ritmos Brasileiros" (2008), como exemplo, conta que começou na música de forma autodidata tocando Acordeon.

[...] em Porto Alegre, eu comecei primeiro como acordeonista, porque meu pai gostava de acordeom, instrumento gaúcho aquele negócio... comecei tocar acordeom em casa, tudo de ouvido, de orelha e tal, não estudei nada... o acordeom me despertou a visão harmônica... (NENÊ, 2016).

É comum ouvirmos de alguém que começou na música, sem professor, ou mesmo, sem um prévio planejamento didático, dizer que é autodidata, no entanto, é possível questionarmos os limites disso. Tendo em vista que autodidata é aquele que ensina a si mesmo, qual seria o limite de interferência externa, para ser ou, deixar de ser, autodidata? O fato é que o aprendizado autodidata é uma discussão distante de um consenso, principalmente, por não haver parâmetros para tais limites da interferência externa, e de certa forma, por parecer um mérito, supervalorizado, de quem defende esse método (CHAVES, 2019).

Nessa discussão abre-se ainda, um novo item, o "dom", normalmente, pela necessidade de se explicar um sucesso, ou uma habilidade, difícil de se alcançar, o indivíduo passa a ser visto como portador de uma aptidão acima do normal, até mesmo, diante da crença de cada um, algo sobrenatural. Dom, poderia ser uma tanto dádiva divina quanto uma habilidade adquirida que discutiu-se durante muitos anos e, por ser um fator subjetivo que muitas vezes impressiona, sempre será alvo para algumas correntes de pesquisadores. O fato é que como pesquisadores devemos considerá-lo e como professores podemos aceitá-lo como algo que explique uma habilidade adquirida em menos tempo, ou com menos estudo, que os demais semelhantes (CESAR, 2020, p. 33).

Patricia Kawaguchi Cesar, em sua dissertação de mestrado, trouxe algumas ideias que dialogam com essas habilidades de forma paralela, citando como dom e herança cultural, principalmente. Enquanto alguns educadores como Gainza e Willens entendem que dom seria um princípio inatista, Suzuki, outro educador, acredita que possa ter, simplesmente, passado por um prévio ensino informal, e assim, adquirido habilidades que, analogicamente, se considera com talento superior (CESAR, 2020, p. 33).

Por outro lado, Maura Penna, considera em seu texto que "esses valores da exceção e do talento já se mostram problemáticos no próprio ensino de música, na medida em que se sustentam, ideologicamente, práticas elitistas e excludentes" (PENNA, 2012, p.75). Além disso, Elias (1994, p. 79), ao abordar Mozart, nos diz sobre "a importância de pertencer à segunda geração, crescer numa família que provê estímulos intensos nas áreas em que a pessoa é dotada. Mozart acompanhava as lições de piano que o pai dava à irmã. A rivalidade entre irmãos é um dos impulsos mais fortes na infância" (ELIAS, 1994, p. 79).

Abrindo um novo contexto desta revisão de literatura, o ensino musical familiar é também um delineador em potencial da proposta desta pesquisa, em Mattiuci (2016), encontrei vários fragmentos importantes em citações, como Souza (1996, p. 30), que fala sobre o ensino ter "contextos sociais mais amplos" (MATTIUCI, 2016, p. 26).

Ser autodidata pode ser algo proveniente de uma predisposição cultural que em alguns momentos se confunde com dom ou que se relaciona com um tipo de habilidade adquirida por herança genética, principalmente, quando não se consegue explicar a origem dessa predisposição. O que aceitamos é que essa tal predisposição pode ajudar no desenvolvimento de um método ao autodidata, isso torna interessante ser considerado dentro do processo de aprendizagem musical dos Catireiros do Araguaia, pois boa parte dos relatos trazem um contato forte com a aptidão e com maneira que aprendem rápido.

Podemos entender que nem toda predisposição não precisa ser relacionada ao autodidatismo mas, relativamente, o autodidata requer uma predisposição para desenvolver sozinho seus conceitos e suas habilidades e são elementos que se combinados podem resultar em um desenvolvimento satisfatório para o indivíduo. Mesmo assim, antes de relacionarmos herança genética, predisposição e autodidatismo ao processo de aprendizagem musical dos Catireiros do Araguaia, devemos lembrar do que disse Vygotski (2009, p. 42): "Qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre um fruto de seu tempo e seu meio." Parafrazeando Vygotsky: "um autodidata, mesmo um gênio, traz com ele uma herança genética e uma predisposição."

Cantar e tocar não são “talentos herdados dos pais”, mas aprendizagens relacionadas ao projeto educativo dos pais e de preferências e vivências musicais em família (GOMES, 2006).

Na página 34, o relato de Larissa, neta de Seu Orlando, revela aspectos epistemológicos que ocorrem por meio da interação social do grupo, no caso de Larissa, o indivíduo se desenvolve de forma independente, porém com o auxílio dos mais experientes do seu meio, como o processo de internalização de Vygotsky (2009) em que o conhecimento adquirido passa a ser apropriado pelo indivíduo se envolvendo como parte de suas habilidades pessoais e de seu repertório cognitivo.

Assim o indivíduo recebe, entende e aplica o conhecimento, transformando-o e adaptando-o com novas experiências em razão de construir seu próprio conhecimento a partir de vivências sociais e culturais do seu meio. Durante o processo de internalização, o indivíduo passa pela mediação cultural, em que os costumes locais são absorvidos e usados como ferramentas, como por exemplo as linguagens, e assim recebido o conhecimento, alcançamos o processo de transformação do conhecimento quando o aluno, além de repetir informações, passa a interpretá-las e adaptá-las para si, e tudo isso se tem, a partir de interação social (VYGOTSKY, 1989). Diante dos Catireiros do Araguaia o processo de internalização de Vygotsky é inevitável para os que estão envolvidos pelas trocas de experiências nas vivências musicais e nos costumes da família, enquanto o indivíduo internaliza suas descobertas, ele as entende como conhecimento que está recebendo e equaliza com outros conhecimentos e habilidades adquiridos anteriormente a fim de formar e/ou expandir seus próprios conceitos.

Figura 10: Ambiente festivo dos Catireiros do Araguaia



Acervo da família

Sobre métodos, até o momento desta escrita, não encontramos nenhum método musical dedicado a Catira, o que encontramos foram atividades e aulas de arte, dedicadas à cultura regional que contemplem a Catira em uma aula, como, por exemplo, no projeto Conexão/Escola¹⁰, da Prefeitura de Goiânia, criado no contexto das necessidades escolares no período de pandemia (COVID-19), nesta aula, por meio da tecnologia é possível assistir um vídeo todo ilustrado a partir da explicação do professor e acompanhar toda a descrição da aula pela página do site. O período pandêmico foi um divisor de águas na inserção de tecnologias para a educação, além do desenvolvimento tecnológico que se explorou diante das necessidades, como melhorias de recursos em salas virtuais, como no uso de softwares dedicados a realizar tarefas e atividades práticas, tal como, a implantação de inteligências artificiais¹¹ que têm a capacidade de receber comandos ou informações, para buscar e cruzar dados e aprender no ambiente virtual devolvendo ao usuário uma resposta dedicada ao seu problema. As tecnologias ampliam o alcance do ensino não apenas geograficamente, mas também com recursos que viabilizam a produtividade das aulas e, conseqüentemente, o aprendizado. Por recursos tecnológicos, os Catireiros do Araguaia estão na rede de computadores, principalmente, no YouTube, no entanto, não há um canal próprio do grupo, apenas gravações, divulgações de terceiros e programas de televisão, como o programa Encontro com Fátima Bernardes¹², da TV Globo, registrado e divulgado pelo portal G1.

¹⁰ Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/arte-catira-uma-danca-tradicional/ Acesso em: 13/12/2023.

¹¹ É a capacidade das máquinas de pensar como ser humano.

¹² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2762472/> Acesso em: 13/12/2023.

Considerações Finais

O grupo Catireiros do Araguaia pode contribuir de diversas formas para o ensino musical como para a cultura em geral, observa-se uma contribuição ampla e duradoura, principalmente, se esse contexto for elencado como um elemento histórico da região, que se desenvolveu musicalmente, seguindo os costumes e tradições da família Fernandes.

O grupo tem uma função muito importante na preservação da Catira, como arte e como conservação de um gênero musical transmitem esses conhecimentos musicais de maneira informal, de geração para geração, preservando suas tradições e alcançando novos admiradores do estilo. Esses tais conceitos informais podem ser usados como elementos para enriquecer conceitos formais como os de Dalcroze na exploração dos movimentos, bem como, em kodály, pelo repertório folclórico/regional e a valorização vocal (MATEIRO; ILARI, 2012, p. 275-300).

Através da Catira, os catireiros do Araguaia promovem uma integração social e comunitária, desenvolvendo práticas em grupo, com a música e com a dança coletiva, que incentivam a cooperação dos participantes, fortalecendo laços, estimulando novos grupos que, oportunamente, construirão novas culturas influenciadas pela Catira e pela regionalidade presente no grupo.

A Catira pode se apresentar desafiadora quanto ao ritmo, estimulando criatividade e expressão corporal que podem servir de insights¹³ para o desenvolvimento de atividades musicais, explorando o corpo, instrumentos tradicionais, cadências e fórmulas rítmicas, além de práticas para estimular e inspirar o improviso e a criatividade.

Culturalmente preservada pelos mais velhos, seus costumes ficam enraizados mas, incondicionalmente, sofrem mutações quando transmitidos para novas gerações, como explica Vygotsky (1989) pelo processo de internalização, em que após o indivíduo aprender, de fato, a usar o que absorveu, passa a interpretar esse tal saber, usando-o parcial ou integralmente, tal como de maneira análoga a adaptar esse conhecimento em novas situações. Por este motivo, a Catira contemporânea influenciada por outras culturas pode apresentar novos sotaques que se distinguem regionalmente com o ritmo, os temas e a dança adaptados a cada localidade e seus costumes, por essa contemporaneidade surgirão novos campos de pesquisa onde encontraremos novos interesses sociais, culturais e acadêmicos.

¹³ A capacidade de entender verdades escondidas.

Buscando elencar aspectos, características, costumes e culturas, encontramos muitos pontos positivos para a música dentro da arte da Catira e da tradição da família Fernandes, no grupo Catireiros do Araguaia, em que é preciso lembrar aqui sobre o carinho e a humildade com que conduzem o grupo e com certeza o compromisso familiar faz toda a diferença na perseverança do grupo, estimulando-os a continuar.

Diante da sociologia estabelecida em diálogo com o tema, Souza afirma:

As relações sociais estabelecidas com a música é um dos temas examinados pela sociologia da música quando entendemos melhor o comportamento das pessoas relacionados com a música, considerando ainda os efeitos das instituições. A convivência com a família, com os grupos, nos momentos de sociabilidade, auxiliam no processo de aprendizagem musical (SOUZA, 2014, p.107).

Partindo para o que gera estímulo e interesse do ensino musical, Monteiro (2021) conclui alguns benefícios herdados pela musicalização infantil, como observação, improvisação, expressão e o aumento do nível de aprendizagem da criança, dentre outros. Trazendo ainda, a observação que "as aprendizagens espontâneas que as crianças vinculam a experiência integral de música e ao contexto social" (MONTEIRO, 2021, p. 85).

O tal contexto de educação familiar investigado está acorrentado à trajetória da família e de seus integrantes, por seus valores e tradições, na importância da música para o grupo, sua união e continuidade. Apontando diretamente para as práticas musicais enxergamos a identidade do grupo e todos esses aspectos de contribuição podemos entender uma valorização sociocultural que torna os Catireiros tão interessantes frente a sociedade, pois ao preservar e transmitir seus costumes registram seu nome na história da região do médio Araguaia como parte da cultura deste local.

Figura 11: Catireiros do Araguaia



Acervo da Família

Referências

- AIDAR, Laura, Catira. Toda Matéria, 2011. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/catira/>>. Acesso em: 04 de agosto de 2023.
- ALMEIDA, H. T. (2004). Choro e polifonia: um estudo etnomusicológico da música instrumental brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras.
- AREIAS, José Carlos. A música, a saúde e o bem estar. *Nascer e Crescer*, v. 25, n. 1, p. 7-10, 2016. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-07542016000100001. Acesso em: 5 set. 2023.
- BARRA DO GARÇAS, Prefeitura Municipal de. História do Município. Disponível em: <https://www.barradogarcas.mt.gov.br/O-Municipio/Historia-do-Municipio/>. Acesso em: 13 de junho de 2023.
- BOLDRIN, Rolando. Vide, Vida Marvada. Renato Teixeira & Pena Branca e Xavantinho ao vivo em Tatuí. Rio de Janeiro: Kuarup, 1992.
- BOWMAN, Wayne. Who is the “we”? Rethinking professionalism in music education. *Action, criticism, and theory for music education*, v. 6, n. 4, p. 109-131, 2007.
- CARNEIRO, M. C. M.. Aprendizagem informal: diferentes perspectivas teóricas e possibilidades de investigação. In M. C. M. Carneiro, A. C. Tedesco, & A. R. Machado (Orgs.), *Educação não formal e educação popular: uma aproximação necessária* (pp. 47-74). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- CARVALHO, Letícia Sandra Araújo. O ensino informal e não-formal de música: metodologia e práticas pedagógicas para o ensino informal e não-formal de música percussiva. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.
- CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. *Biblos*, v. 16, p. 7-24, 2004.
- CAVALCANTI, M. L. A.. Etnografia, etnocentrismo e alteridade: em busca da compreensão do outro. In: M. L. A. Cavalcanti & A. M. M. Braga (Orgs.). *Pesquisa etnográfica em educação* (pp. 13-31). Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHIARELLI, LKM, BARRETO SJ. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Rev Recre@rte*. Jun 200. Disponível em: <https://musicaeadoracao.com.br/25473/a-importancia-da-musicalizacao-na-educacao-infantil-e-no-ensino-fundamental/> Acesso em: 10/09/2023
- CESAR, Patricia Kawaguchi. DOMINAÇÃO CULTURAL, HERANÇA E DESIGUALDADES NO ENSINO DA MÚSICA. Universidade Estadual de Campinas, 2020.

CHAVES, E. J. M. Aprendizagem musical autodidata: um estudo exploratório com os músicos populares em Varjota-CE. 79 f. (Graduação no Curso de Licenciatura em Música) - Campus de Sobral, Universidade Federal do Ceará, Sobral, p. 10, 2019.

DE SOUZA, Jeane Barros et al. A música e seus benefícios para o desenvolvimento saudável na infância. *Extensio: Revista Eletrônica de Extensão*, v. 16, n. 34, p. 2-18, 2019.

DEL BEN, Luciana; HENTSCHEKE, Liane (Org.). *Ensino de música: propostas para agir e pensar em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 192.

ESCOLA, Conexão. ARTE 0*8- Catira, uma dança tradicional. Portal Educacional Conexão Escola, 2022. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/arte-catira-uma-danca-tradicional/, Acesso em 30 nov. 2022.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GEERTZ, C.. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. J. C.. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

GOMES, Celson Henrique Sousa. *Educação musical na família: as lógicas do invisível*. UFRS, 2009.

GOMES, Celson Henrique Sousa. *Aprendizagem musical em família nas Imagens de um filme*. *Revista da abem*, mar. 2006.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz Senoi. *Pedagogias em educação musical*. 2012.

MATTIUCI, Bárbara et al. *Aprendizagem musical em família no contexto da aula particular de violão: Um estudo de caso*. Faculdade Federal da Paraíba, 2016.

MONTEIRO, Jocileia. *A INFLUÊNCIA DA MUSICALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS*. Faculdade do Vale do Cricaré, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. São Paulo, 12. ed. Cortez Editora, 2014.

NENÊ. *A bateria brasileira no século XXI: ritmos brasileiros*. Edição do autor, 2008.

_____. Entrevista à *Revista Modern Drummer Brasil*, São Paulo: Ed. n°168, novembro de 2016, p 26-38.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PICCHI, Achille Guido. *A música e os inícios do homem*. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 43-48, 2008. Acervo.

PETRUCCI & ROSA, M. I., & Rocha, M. A. (Orgs.). *Educação não formal no Brasil: o papel das organizações da sociedade civil*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

- PILGER, M.. Música regional e ensino formal: Reflexões sobre a formação de músicos intérpretes no contexto brasileiro. Revista da ABEM, Porto Alegre, 2012, v. 20, n. 29, p. 59-75.
- RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. Música na educação de jovens e adultos: um estudo sobre práticas musicais entre gerações. Tese de Doutorado em Educação Musical. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães; GALIZONI, Flávia Maria. A arte da catira: negócios e reprodução familiar de sitiantes mineiros. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, p. 69, 2007.
- SEEGER, A.. Por que estudar música popular? In: A. Seeger et al. (Orgs.). Folclore e Mudança Social na Música Popular (pp. 13-28). Brasília: Funarte, 1987.
- SEEGER, Anthony. Etnografia da música. Tradução: Giovanni Cirino. Revisão Técnica: André-Kees de Moraes Schouten e José Glebson Vieira. Cadernos de Campo, (São Paulo-1991), v. 17, n. 17, p. 237-260, 2008.
- SOUZA, J. Educação musical e práticas sociais. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 12, n. 10, p. 7-11, mar. 2004.
- SOUZA, Jusamara. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. Educar em revista, Paraná, no 53, 91-111, jul-set. 2014.
- SWANWICK, Keith. Permanecendo fiel à música na educação musical. II Encontro Anual da ABEM. 1993. Disponível em <http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Swanwick-Permanecendo_Fiel_Musica.pdf> Acesso em: 09 mai. 2023.
- SWANWICK, Keith. Ensinando Música Musicalmente. Tradução: Alda Oliveira, Cristina Tourinho. [S. l.]: Moderna, 2003. p. 128.
- VYGOTSKY, L. . A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Editora Ática, 2009.
- OFICIAL, Divino Arbués. DOCUMENTÁRIO ROMANCE DE RIO E SERRA. YouTube, 27 de Jan. 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/aTA83-TqRmE>>. Acesso em 05 Dez. 2022.
- UFMT, Núcleo de Produção Digital. CATIREIROS DO ARAGUAIA (DOCUMENTÁRIO). Youtube, 01 jun. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/3nbVf2OGD9o>>. Acesso em 28 nov. 2022.
- VOA VIOLA. Araguaia Presente de Deus - Catireiros do Araguaia. Disponível em: <https://youtu.be/S09RejvYeUQ>. Acesso em: 13 de junho de 2023.
- ZANETTINI, Angélica et al. Quem canta seus males espanta: um relato de experiência sobre o uso da música como ferramenta de atuação na promoção da saúde da criança. Revista Mineira de Enfermagem, v. 19, n. 4, p. 1060-1069, 2015.